

CONDOMÍNIOS INDUSTRIAIS E OS NOVOS FATORES LOCACIONAIS: ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS CONDIÇÕES GERAIS PARA A PRODUÇÃO E A REPRODUÇÃO DO CAPITAL

MENDES, Auro A.¹

RESUMO: O alcance espacial do sistema produtivo globalizou-se, fundamentando-se em vantagens comparativas dinâmicas ou competitivas, gerando novas relações de trabalho e de produção. O “meio técnico-científico-informacional”, com seus atributos construídos historicamente, desponta nos condomínios industriais e consórcios modulares como uma nova forma espacial, determinando e selecionando as atividades econômicas. Espaços integrados com capacitações técnicas, logísticas e de serviços, na forma de condomínios industriais, têm possibilitado a integração entre as empresas dos mais variados ramos ou setores da atividade econômica que, no passado, encontravam-se dispersos geograficamente. O objetivo deste trabalho consiste em analisar a importância dos novos fatores locacionais na implantação dos condomínios industriais e as condições gerais para a reprodução do grande capital.

Palavras-Chave: Condomínios Industriais, Fatores Locacionais, Reestruturações Produtivas, Reprodução do Capital.

INDUSTRIAL CONDOMINIUM AND THE NEW LOCATIONAL FACTORS: SOME THOUGHTS ABOUT GENERAL CONDITIONS FOR PRODUCTION AND REPRODUCTION OF THE CAPITAL

ABSTRACT: The spatial extent of the production system has globalized, being based on dynamic or competitive comparative advantages, creating new employment and production relationships. The “technical-scientific-informational circle”, with its historically built attributes, rises in the industrial condominium and modular consortium as a new spatial form, determining and selecting the economic activities. Integrated spaces with technical, logistic and service enablement, according to industrial condominium, have enabled an integration between companies of several branches or sectors of economic activity that used to be geographically scattered in past. This paper aims to analyze the importance of new locational factors in the implantation of industrial

1 Professor Adjunto do Departamento de Geografia-IGCE-UNESP-Rio Claro- auromendes@uol.com.br

condominium and general conditions to the reproduction of big capital.

Keywords: Industrial Condominium, Locational Factors, Productive Reorganization, Reproduction of Capital.

Introdução

Nas décadas de 1960 e 1970, indústrias inteiras são instaladas em economias desenvolvidas ou em alguns países periféricos subdesenvolvidos ou emergentes em busca de vantagens comparativas tradicionais, tais como: recursos naturais, mão-de-obra abundante, barata e pouco sindicalizada, entre outras. Essa transnacionalização foi levada a cabo pelas grandes empresas multinacionais e grupos oligopólicos.

Evidentemente, esse processo está relacionado à lógica de internacionalização do capital. As transformações em curso na economia mundial consistem no deslocamento e desintegração espacial da produção, na transferência do lugar de formação do valor, na ampliação dos horizontes de exploração da mais-valia e nas formas de reprodução do capital.

No capitalismo global, os fenômenos descritos aprofundam-se cada vez a mais, exacerbando as desigualdades econômicas, tecnológicas e sociais já existentes. O fator mais relevante da globalização é a nova esfera produtiva apoiada na Terceira Revolução Industrial. Nessa metamorfose, o capitalismo global leva ao extremo a busca da eficiência e da racionalidade econômica. Assim sendo, esse modo de produção gera, dialeticamente, a globalização e a fragmentação. Os territórios adquirem novas funções e novos significados.

As mudanças trazidas pelas novas tecnologias no bojo do paradigma de “especialização flexível” (robôs, automação flexível, telecomunicações, informática, entre outras) tem ocasionado profundas e rápidas transformações no sistema produtivo e organizacional das indústrias e das empresas, principalmente no que tange ao conteúdo de conhecimento, informação, Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) e aprendizagem, agregados aos processos de produção e aos produtos.

Considerando a existência desse “meio técnico-científico-informacional”, surgem novas formas espaciais, entre elas os condomínios industriais e empresariais.

O objetivo deste trabalho é fazer uma reflexão sobre a relevância dos novos fatores locacionais em tempos de globalização da economia e de reestruturações produtivas e como ocorrem as condições gerais para a reprodução do capital.

Embasamento Teórico

Segundo Lemos (2000, p. 157), enormes esforços estão sendo empreendidos para tornar os novos conhecimentos apropriáveis, isto se dá

através de interações entre os diferentes agentes econômicos e sociais para difusão e geração de inovações. Essa interação pode ocorrer em nível de uma empresa, entre empresas ou entre empresas e distintas organizações de ensino e pesquisa.

Outro aspecto importante que merece ser salientado, além das infra-estruturas e dos serviços existentes que possibilitam o funcionamento racional, viável e rentável das empresas instaladas, refere-se à proximidade geográfica que permite não só a agilização da produção, mas, ainda, o compartilhamento do conhecimento, do aprendizado e das trocas de experiências e dos serviços disponíveis.

Conforme Coutinho e Ferraz (1994), a intensificação da desintegração da produção, proporcionada pelo desenvolvimento de novas formas de articulação entre o conjunto de agentes econômicos atuantes nas cadeias produtivas, é outro traço marcante das configurações industriais competitivas. Essas novas formas de desintegração da produção abrem espaço para relações intersetoriais fortemente sinérgicas, articulando empresas através de linkages (relações interindustriais) e de relações com fornecedores (parceria) e clientes, criando condições estruturais adequadas para o incremento da competitividade de todos os agentes envolvidos.

Assim sendo, os horizontes se alargam à medida que aumenta a intensidade da cooperação existente entre as empresas. Programas de qualificação de fornecedores e de assistência técnica a clientes, indutores de interações tecnológicas, podem propiciar a aceleração do ritmo de introdução de inovações no processo produtivo e nos produtos. Processos de terceirização ou subcontratações da produção, desde que tecnologicamente racionais, podem propiciar que a cadeia produtiva caminhe em direção a graus ótimos de especialização, que permitam significativas reduções de custos de produção e incrementos da qualidade em todos os seus elos, principalmente quando todos os agentes e atores envolvidos no processo produtivo estão próximos espacialmente.

A construção de amplas redes (networks) envolvendo produtores, clientes, fornecedores, torna-se, em função das economias alcançadas, mais freqüente em todos os elos e segmentos da atividade industrial.

Os atores hegemônicos, no caso, as grandes empresas, atuam em redes, agilizando os fluxos (materiais e imateriais), aumentando o controle das diversas etapas do processo produtivo de acordo com as suas próprias normas.

“Os grupos industriais tendem a se organizar como empresa-rede. As novas formas de gerenciamento e controle, valendo-se de complexas modalidades de terceirização, visam a ajudar os grandes grupos e reconciliar a centralização do capital e a descentralização das operações, explorando as possibilidades proporcionadas pela teleinformática e pela automatização”. Chesnais (1996, p. 33)

A indústria tem sido o palco de um vigoroso processo de mudança

estrutural, como resultado da crescente adaptação dos grupos empresariais e dos modelos de organização da produção a um novo cenário competitivo, mais intensivo em tecnologia, conhecimento e informação. Neste mosaico de rápidas, constantes e permanentes mudanças, desmoronam-se as antigas formas de produção, tudo o que é antigo se torna efêmero, “tudo o que era sólido se desmancha no ar”. O novo modo de produção e os novos espaços industriais, fundamentados em novos fatores locacionais, emergem como “meio técnico-científico-informacional” em busca de uma forma de produção cada vez mais “enxuta” e racional.

O mundo praticamente encolhe, devido à eficácia das telecomunicações e dos transportes, os fios da teia global são computadores, satélites, etc. – tecnologias criadas para atender as necessidades de uma sociedade.com – aproximando os lugares e agilizando as tomadas de decisões. O espaço torna-se fluído, volátil e comporta muitos fluxos de capitais, informações, conhecimento, serviços, que cruzam as fronteiras instantaneamente.

Através das redes ocorre uma “aceleração contemporânea” dos fluxos (de matérias-primas, de capitais e, mormente, eletrônicos e de informações) que eliminam as distâncias, aproximam os lugares e os tornam conectados numa sociedade informacional.

As redes se sobrepõem e organizam as atividades econômicas no território sob a égide dos atores hegemônicos.

O território considerado como território usado, é objeto de divisões de trabalho superpostos. Desse modo, a expressão divisão territorial do trabalho acaba sendo um conceito plural. Pode-se considerar também que cada atividade ou cada empresa produz a sua própria divisão do trabalho. (SANTOS e SILVEIRA, 2001, p. 290)

Os fluxos não estão mais sistemática e monotonicamente organizados de forma hierárquica, originando um único padrão de rede que uniformemente recobria a superfície terrestre. Há diferentes redes recobrando a superfície terrestre, redes que são planejadas e espontâneas, formais e informais, temporárias e permanentes, materiais e imateriais, regulares e irregulares. Corrêa (2001, p. 190)

Na medida em que se dá a globalização da economia, novas formas sociais do espaço e do tempo são reveladas. O local e o global, a homogeneidade e a diversidade, o presente e o passado, o anacrônico e o moderno, a territorialização e a desterritorialização, o real e o virtual formam pares não excludentes, compondo uma totalidade que aloja a fragmentação, a contradição, a singularidade e a universalidade. (MENDES, 1997, p. 50).

O desenvolvimento tecnológico e a construção de um “sistema de engenharia” (formado por elementos naturais e, cada vez mais, artefatos artificiais) possibilitam a integração vertical e horizontal dos lugares.

Verticalmente, com a instalação de empresas modernas representativas do capital global e, horizontalmente, através de normas locais que “acabam por

afetar as normas nacionais e globais” (SANTOS, 1996, p. 206).

A reestruturação econômica da década de 1980 induziu várias estratégias reorganizacionais nas atividades industriais. A crise da década de 1970 resultou da exaustão do sistema de produção em massa, constituindo um marco na atividade industrial na história do capitalismo.

Atualmente, o alcance espacial do sistema produtivo globalizou-se, fundamentando-se em importantes vantagens comparativas dinâmicas e em múltiplas estratégias produtivas e empresariais; dentre elas destacam-se as seguintes:

- Quaisquer que sejam as causas e origens da transformação organizacional houve, em meados da década de 1970, uma divisão importante na organização da produção e dos mercados na economia global;

- As transformações organizacionais interagiram com a difusão de novas tecnologias;

- O escopo das transformações organizacionais em várias formas era diminuir a incerteza causada pelo ritmo veloz das mudanças no ambiente econômico, institucional e tecnológico, aumentando a flexibilidade em produção, gerenciamento e marketing;

- Muitas transformações organizacionais tinham por objetivo redefinir os processos de trabalho e as práticas de emprego, introduzindo o modelo da “produção enxuta” como o fito de economizar mão-de-obra mediante a automação de trabalhos, eliminação de tarefas e supressão de camadas administrativas.

- A microeletrônica, a informática e a automação passam a impulsionar o desenvolvimento industrial.

- A produção industrial muda completamente. Essa mudança atinge direta e indiretamente a empresa e a fábrica e, conseqüentemente, o mundo do trabalho.

- Em vez de linha de montagens, surgem processos automatizados, robotizados e flexíveis.

- Desde a fase do projeto de produto até os testes finais, as mutações encontram ancoradas nos dispositivos microeletrônicos, gerando dessa forma economias de escala e de escopo.

- As novas tecnologias empregadas possibilitam atender a demanda de forma mais célere e diferenciada.

- A fábrica assemelha-se a uma “empresa vazia” cuja produção é subcontratada e os serviços terceirizados.

- A atual unidade produtiva torna-se capaz de “aprender” com mais facilidade para adaptar-se as mutações em curso.

- A busca por eficiência promove transformações nas estratégias empresariais desde a pesquisa até o marketing.

- Os mais competitivos são aqueles que apresentam melhor capacidade de inovação, integração e cooperação com clientes e fornecedores.

Dessa forma, a própria empresa mudou seu modelo organizacional

para adaptar-se às condições de imprevisibilidade do mercado, da competição, da concorrência e, principalmente, das novas exigências espaciais. As empresas passam a adotar novas estratégias que parece apresentar as seguintes tendências: organização em torno do processo, não da tarefa, gerenciamento em equipe, preocupação com a satisfação dos clientes, maximização dos contatos com fornecedores e clientes, informação, treinamento e retreinamento de funcionários em todos os níveis. Para operar na economia global, as empresas tiveram de tornar-se principalmente mais “flexíveis”. Trata-se, assim, de flexibilidade locacional, tecnológica, da mão-de-obra, entre outras.

O advento da indústria de alta tecnologia, ou seja, a indústria com base na microeletrônica e assistida por computadores introduziu uma nova lógica de localização industrial. As empresas eletrônicas, produtoras dos novos dispositivos da tecnologia da informação, também foram as primeiras a utilizar a estratégia de localização possibilitada e exigida pelo processo produtivo baseado na informação. Esse espaço caracteriza-se pela capacidade organizacional e tecnológica de separar o processo produtivo em diferentes localizações, ao mesmo tempo em que reintegra a sua unidade por meio de conexões de telecomunicações e da flexibilidade e precisão resultante da microeletrônica na fabricação de componentes.

De acordo com Castells (1999, p. 418), o novo espaço industrial não representa o fim das antigas áreas metropolitanas já estabelecidas e o início de novas regiões caracterizadas por alta tecnologia. O novo espaço industrial é organizado em torno de fluxos de informações e de conhecimento, que ao mesmo tempo, reúnem e separam - dependendo do ciclo das empresas - seus componentes territoriais.

Verifica-se, que as mudanças geográficas dos espaços de produção promovem mutações na organização da produção, que são por sua vez provocadas pelas exigências do novo regime de acumulação.

Os novos recortes territoriais geram novas relações produtivas, agregando cada vez mais tecnologia, conhecimento e aprendizagem. Faz-se mister entender que cada lugar é único, resultado da combinação e da relação de múltiplos elementos produzidos historicamente.

Conforme o autor citado, o conhecimento e a informação são elementos fundamentais em todos os modos de produção, especialmente, no informacional. A tecnologia da informação no processamento e na transmissão desse conteúdo técnico-científico-informacional constitui a base desse novo paradigma produtivo.

O informacionalismo, assim, contribui para a maximização da produção através do desenvolvimento tecnológico e da acumulação do conhecimento em níveis complexos de processamento da informação.

Essa forma de organizar o sistema produtivo conecta através de diversas redes sofisticadas - facilitadas pela telemática, infovias, internet, e-mail, TV a cabo, fibras óticas, etc.- a produção, a distribuição e o consumo entre clientes, fornecedores, unidades produtivas, localizadas em diferentes lugares.

A acelerada difusão das novas tecnologias de informação e de comunicação (TICS) possibilitou, por assim dizer, uma ampliação de sistemas, canais, redes e organizações de geração, tratamento e difusão de informações entre os diversos atores envolvidos. Trata-se de uma verdadeira “revolução informacional” que caracteriza a atual economia do conhecimento ou do aprendizado.

Corroborando o “desenvolvimento desigual e articulado” mais sofisticado desta fase atual do modo de produção capitalista, Massey (1998) salienta que os lugares são específicos pela existência de sua herança histórica e de seus atributos imateriais que lhes atribuem singularidades.

Cada lugar é o resultado de múltiplas variáveis geográficas, históricas, econômicas, políticas, entre outras, que lhe atribuem especificidades e singularidades. No lugar existem, portanto, conteúdos materiais e imateriais difíceis de serem reproduzidos ou copiáveis. A este conjunto de elementos locais, naturais, econômicos, sociais, culturais e políticos, complementares e sistêmicos, Granoveter (1985) chamou de imersão social (*embeddedness*).

Enfatizando a importância desse ambiente no desenvolvimento regional ou local, Storper (1995) denominou os elementos que formam esse conjunto de “ativos relacionais” (*relational assets*).

O que diferencia o atual modo de produção dos precedentes é a morfologia das redes, a sua flexibilidade, a velocidade dos fluxos de capitais, conhecimento e informação, os crescentes investimentos em P&D (Pesquisa e Desenvolvimento) e C&T (Ciência e Tecnologia). Trata-se de vantagens competitivas produzidas historicamente e que acabam, por conseguinte, gerando um desenvolvimento desigual e articulado entre os lugares.

Tais redes devem estar “imersas (*embedded*) em um “ambiente local” (*milieu*) que funcione como facilitador e estimulador das “interações coletivas” e que faça ligação entre um sistema de produção e uma cultura tecnológica particular (SANTOS et al. 2002, p. 8- 9).

Vale lembrar que a proximidade física das empresas não significa que ocorra cooperação entre elas. Para que a cooperação exista faz-se necessário, também, a proximidade cognitiva.

Nas aglomerações inovativas, o conhecimento, o aprendizado, neste “espaço de idéias” são trocados e desenvolvidos; o conhecimento é compartilhado com o fito de melhorar a qualidade dos processos e dos produtos e onde se espera que os problemas comuns sejam equacionados conjuntamente.

Segundo Santos et al. (2002, p. 11) toda aglomeração organizada tem o potencial de se tornar uma aglomeração inovativa. Esses sistemas de produção organizados e inovativos, segundo os autores, podem estar integrados em cadeias produtivas.

As aglomerações identificadas como “centro-radiais” (*hub-and-spoke*) caracterizam-se pela existência de uma ou várias grandes empresas que atuam

como âncoras (hub) para a economia regional, enquanto os fornecedores e as atividades relacionadas se dispersam em torno das firmas âncoras como aros (spokes) de uma roda. Estes arranjos originam-se da desintegração vertical da empresa âncora e subsequente integração vertical no nível do território observando-se uma acentuada hierarquização nas relações inter-firmas internas ao arranjo. Markusen (1999)

A empresa âncora centraliza as funções estratégicas (design, marketing, P&D, entre outras) enquanto outras atividades produtivas são desintegradas e transferidas para empresas altamente especializadas que podem estar distantes, próximas ou até mesmo ocupando o mesmo espaço onde a empresa âncora encontra-se instalada.

Não são todos os lugares que disponibilizam desses novos fatores locacionais (mão-de-obra qualificada, existência de universidades e institutos de pesquisa, proximidade de aeroportos, entre outros) que geram uma nova paisagem empresarial e industrial completamente diferente dos antigos complexos fabris.

Condomínios Industriais e os Novos Fatores Locacionais

Verifica-se, assim, que nas organizações produtivas pretéritas, o espaço encontrava-se subordinado aos interesses da indústria, funcionando como “palco”, “plataforma de produção”, ou ainda, como simulacro para a reprodução do grande capital.

Atualmente a função indústria | espaço encontra-se invertida o espaço integrado organiza as atividades produtivas de forma a permitir um aumento de sua rentabilidade.

Nota-se que nesta nova dinâmica tecnológica o conhecimento, o aprendizado, a troca de informações torna-se um ativo fundamental da competição, impondo novas formas de organização, de interação entre as empresas e, por conseguinte, novas formas de reprodução do capital. Tais relações entre empresas ou interindustriais (“linkages”) podem ser tanto materiais, tangíveis (matérias-primas naturais, mercadorias, por exemplos) como imateriais ou intangíveis (troca de informações ou conhecimento).

Neste contexto, emergem os novos espaços industriais, dentre os quais ganham destaque: os pólos tecnológicos, os consórcios modulares e os condomínios industriais.

Nesta onda de inovações tecnológicas, presenciam-se mudanças radicais em várias esferas que vão desde o refinamento tecnológico dos equipamentos empregados, per si, até a qualificação da mão-de-obra e os princípios ordenadores da organização do trabalho e da produção.

Diniz (2001, p. 10) analisando o papel da inovação no desenvolvimento regional ou local ressalta que na sociedade atual dominada pelo conhecimento as vantagens comparativas estáticas ou ricardianas perdem importância e emergem novas vantagens construídas e criadas no conhecimento e na inovação.

Entretanto, a existência de um “ambiente inovador” (*milieux innovateurs*) não assegura que todos os agentes e atores envolvidos na construção desse território tenham acesso às inovações produzidas. Muitos são os fatores e elementos que atuam na propagação das informações e das inovações. A simples proximidade geográfica não será suficiente para explicar o acesso às inovações se não forem considerados, também, fatores econômicos e culturais.

O espaço mais seletivo acaba restringindo a implantação de certas atividades ou ramos produtivos a serem implantados nos condomínios industriais ou centros empresariais.

Cabe esclarecer que as vantagens comparativas dinâmicas passam a ser características decorrentes desses territórios impregnados de informação, conhecimento e tecnologia, permitindo uma inserção positiva desses espaços no cenário nacional e global competitivo e concorrencial.

Contudo, a empresa não inova sozinha, faz-se mister uma série de interações imbricadas por diferentes fontes de informações, conhecimento e inovações internas e externas, envolvendo diversos departamentos da mesma empresa ou de outras e instituições de ensino e de pesquisa. É neste contexto, que informações transformam-se em conhecimento.

Merece, entretanto, explicar que a informação e o conhecimento codificados (públicos ou privados) podem ser facilmente transferíveis através dos modernos meios de comunicação, atingindo os mais longínquos lugares. Todavia, as informações e os conhecimentos tácitos, não codificados, resultam de interações sócio-culturais “enraizadas” localmente, cuja apropriação requer contatos diretos, vis-à-vis, face a face, entre os sujeitos envolvidos.

Todavia, mesmo em meio a todos os avanços tecnológicos em curso, a geração e a assimilação de certos conhecimentos, com segurança e confiabilidade, se dá de maneira presencial e compartilhada. De nada adiantará haver conhecimento, se não ocorrer aprendizagem. A vantagem competitiva das empresas, neste sentido, está em adquirir novos conhecimentos e habilidades e transformá-las em aprendizado.

Conhecimento e aprendizagem são complementares e específicos na composição de muitas empresas e territórios e na relação espaço|indústria. O entendimento, a compreensão de como circulam tais conhecimentos na cadeia produtiva, a fertilização cruzada de idéias, suas sinergias, suas interações internas (entre os diferentes departamentos da empresa e seus fornecedores e parceiros próximos) e externas (com universidades, institutos de pesquisa, consultores, clientes, usuários, entre outros) tornam-se importantes atributos ou recursos espaciais.

Neste ambiente marcado por profundas interações e articulações produtivas e organizacionais, as redes desempenham um papel crucial na troca, transmissão e mobilização das informações, do conhecimento explícito ou tácito e das competências. Tais redes podem ser bem desenvolvidas promovendo interações, cooperações e “transbordamentos” de conhecimento,

competências e inovações à distância; contudo, não podemos olvidar da importância das interações locais face a face entre pessoas proporcionadas pela proximidade geográfica.

Analisando a relevância do contato face a face (FaF), do “burburinho”, Storper (2005: p.32-34) destaca importantes aspectos daquilo que ele denomina de “burburinho”, como por exemplos:

- comunicação eficiente em condições de incertezas, especialmente quanto a conhecimento tácito;
- capacidade de confiar e ligar-se, quando as mensagens e seus conteúdos são inerentemente incertos;
- vantagens no processo de inovação e de aprendizagem;
- produtividade, criatividade, inventividade, energia.

Cabe, entretanto, esclarecer que o espaço neste trabalho não é considerado ator social, sujeito social ou protagonista; mas uma produção social. Uma produção social que abriga, que aloja, que da guarida às instalações empresariais e industriais.

Obviamente, que nesta nova lógica espacial, o papel do Estado também muda. Ele deixa de ser o promotor ou indutor do desenvolvimento territorial para ser um facilitador (através de concessões, incentivos fiscais, infra-estruturas, etc.) da valorização e, porque não dizer, da especulação imobiliária desses espaços produtivos por agentes públicos e privados.

Assim sendo, as vantagens competitivas ou comparativas dinâmicas existentes nestes condomínios industriais e empresariais são decorrências dessa nova relação espaço/indústria.

Trata-se, portanto, de uma nova relação espaço/indústria, permeada por aportes tecnológicos, informacionais e de serviços que permitem a eficiência coletiva de todas as empresas instaladas.

Esse espaço integrado obviamente não é encontrado em qualquer lugar. Na verdade o espaço industrial mudou, tornando-se mais inteligente, com base em uma outra lógica produtiva, muito mais ágil e eficiente. Dessa forma, esse novo espaço seletivo e exigente tem promovido uma verdadeira reengenharia nas indústrias e nas empresas.

Considerações Finais

Em uma sociedade do conhecimento e do aprendizado, a capacidade de gerar novos conhecimentos, transmiti-los e assimilá-los, torna-se trunfos importantes no desenvolvimento territorial.

O espaço em si é gerador de coordenação, estabelecendo normas e diretrizes que irão permear a organização e o desenvolvimento das atividades econômicas.

A proximidade geográfica enseja um processo de aprendizado que necessita para a sua materialização e sustentação instituições que possibilitem um *upgrading* de suas capacidades produtivas, inovativas, habilidades e competências.

O espaço impregnado pelas informações, conhecimentos e inovações cria uma “atmosfera empresarial e industrial” onde todos os atores envolvidos passam a desfrutar da eficiência coletiva gerada.

A proximidade geográfica dos empresários e de funcionários possibilita o contato face a face. O “burburinho” é fundamental na geração de interações e de “eficiências coletivas”. Neste sentido, o condomínio industrial se apresenta como um “espaço ideal” para tais interações coletivas e para a reprodução do grande capital.

A circulação da informação, a formação de uma “atmosfera de relações” geram um espaço integrado que organiza as atividades produtivas, possibilitando um aumento de suas rentabilidades. O espaço deixa de ser uma “plataforma de produção” para exercer o controle, o comando dos processos produtivos. Em outras palavras, o espaço deixa de ser um “território usado”, um “espaço do fazer” ou do “obedecer”, para tornar-se um espaço seletivo e normatizador das atividades econômicas.

No passado, as indústrias eram integradas e os empresários procuravam, individualmente, a “localização ótima” para o seu empreendimento.

Posteriormente, com os avanços tecnológicos nos meios de transportes e de comunicação, ocorreu a disjunção espacial das atividades produtivas e a busca por aglomerações industriais. A cadeia produtiva integrada passa a ser a representação da grande indústria do passado.

Atualmente, os espaços, sob a forma de condomínios industriais e consórcios modulares, são exemplos de espaços cooperativos que, dotados de infra-estruturas logísticas, permitem o funcionamento racional das empresas e a redução dos custos de transação. O espaço torna-se integrado.

Os condomínios industriais revelam que o espaço não é desarticulado ou fragmentado. O espaço articulado e integrado tornou-se, logisticamente, inteligente, ágil, seletivo e ambientalmente exigente e correto. É esse “espaço ideal” que também significa a “localização ótima” para a produção e a reprodução do capital dentro da atual lógica capitalista.

Referências

CHESNAIS, F. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. A era da informação: Economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999, vol. I.

CORRÊA, R.L. Trajetórias geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J.C. (Coord.). Estudo da competitividade da indústria brasileira. Campinas: Papyrus/Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

DINIZ, C.C. Globalização, Escalas Territoriais e Políticas Tecnológicas regionalizada no Brasil. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2001. (Texto para discussão, 168).

DINIZ, C.C.; GONÇALVES, E. Economia do conhecimento e desenvolvimento regional no Brasil. In: DINIZ, C.C.; LEMOS, M.B. (Orgs.). Economia e território. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GRANOVETTER, M. Economic action and social structure: the problem of embeddedness. **American Journal of Sociology**. Chicago, vol. 9, nº 3, November, 1985.

LEMOS, M. B. et al. Arranjos produtivos locais e as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 2000. (Projeto de Pesquisa).

MARKUSEN, A. et. al. **Second tier cities, rapid growth beyond the metropolis.** Minneapolis: Minnesota University Press, 1999.

MASSEY, D. Imagining globalization: power-geometries of time-space. In: BRAH, A.; HICHMANN, M.J.; MACONGRAILL, M. (Ed.). **Future worlds: migration, environment and globalization.** New York: Macmillan, 1998.

MENDES, A. A. Reestruturas locais como efeitos da globalização econômica: uma análise da estrutura produtiva mutante do pólo têxtil de Americana, SP. Tese de Doutorado em Geografia. UNESP, Rio Claro, 1997.

SANTOS, F. et. al. Arranjo e Sistemas produtivos locais em “espaços industriais” periféricos: estudo comparativo de dois casos brasileiros. Belo Horizonte: UFMG/CEDEPLAR, 2002. (Texto para discussão, 182).

SANTOS, M. Técnica, espaço, tempo. Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. O Brasil: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

STORPER, M. The resurgence of regional economies, ten years later, the region

as a nexus of untraded interdependencies. **European Urban and Regional Studies**, v. 2, n. 3, p. 191-221, 1995.

STORPER, M.; VENABLES, A.J. O burburinho. A força econômica da cidade. In: DINIZ, C.C.; LEMOS, M.B. (Orgs). **Economia e Território. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.**